

**‘DAMOS-TE ESTA OVELHA, Ó TREBOPALA!’
A INVOCATIO LUSITANA
DE CABEÇO DAS FRÁGUAS (PORTUGAL)**

para Jürgen

José Cardim Ribeiro

A epígrafe rupestre de Cabeço das Fráguas (= CF) tem, sem dúvida, uma importância primordial para o estudo e conhecimento do idioma paleohispânico que se convencionou designar por Lusitano. Durante as últimas décadas a sua estrutura sintáctica e o conteúdo semântico inerente à maior parte dos seus componentes vocabulares foram, pela maioria dos investigadores, dados como essencialmente adquiridos, mantendo-se pois em aberto quase só a discussão relativa à filiação linguística do Lusitano — cujas características em grande parte vieram a ser, aliás, definidas com base na análise da presente inscrição e na sua aludida interpretação: uma série de nomes de animais em ac., representando as oferendas correspondentes a uma paralela série de divindades assinaladas por teónimos em dat., agrupando-se tais elementos em três sucessivos blocos textuais: o primeiro reunindo dois animais e dois teónimos relacionados através de uma partícula copulativa — *oilam Trebopala indi porcom Labbo*; o segundo representado por um único animal e um teónimo provido de epíteto — *comaiam Iccona Loiminna*; por fim, um terceiro bloco simétrico ao inicial, constituído por dois nomes de animais adjectivados e dois teónimos cujo último surge epitetado, unidos por copulativa — *oilam usseam Trebarune indi taurom ifadem Reve Tre[...]*:

(a) Interpretação tradicional¹

(a.1) estrut. morfo-sintáct.: ac.+dat., *indi*, ac.+dat. / ac.+dat. / ac.+dat., *indi*, ac.+dat.

¹ Tovar 1985, 234-245; Guyonvarc’h 1967, 253; Schmidt 1985, 321-322; Curado 1989, 349-351; *id.* 1996, 156-157; *id.* 2002, 71-73; Rodríguez 1995, 221-222; Witczak 1999; *id.* 2005, 67-70; Alarcão 2001, 315-316; Prósper 2002, 41-56; *id.* 2010; *id.* 2010a, 367-368; Marco 2005, 318; Blažek 2006, 11-13; Alfayé - Marco 2008, 294 n.8; Vaz 2009, 92.

(a.2) cont. semânt.: nome de animal+teónimo, part. copul., nome de animal+teónimo / nome de animal+teónimo+epíteto / nome de animal+adj.+teónimo, part. copul., nome de animal+adj.+teónimo+epíteto.

(a.3) ideia forte: perfeita simetria formal entre os componentes textuais e os respectivos conteúdos semânticos — a uma série de nomes de animais (ofertas) condiz em paralelo uma série correlativa de teónimos (divindades receptoras das ofertas).

(a.4) principal vulnerabilidade: admissão da necessária existência, em nomes lusitanos da 1ª decl., de formas dat. em *-a*.

Porém determinados autores, com especial destaque para J. Untermann, têm posto em causa tal consenso sobretudo neste último aspecto, com todas as inerentes consequências morfo-sintácticas, adiantando razões e argumentos que, na sua essência — embora não nas soluções propostas —, nos parecem de todo pertinentes:

(b) Interpretação de ruptura²

(b.1) estrut. morfo-sintáct.: ac.+nom. (ou abl.), *indi*, ac.+nom. (ou abl.) / ac.+nom. (ou abl.); ac.+dat., *indi*, ac.+dat.

(b.2) cont. semânt.: nome de animal+..., part. copul., nome de animal+... / nome de animal+... / nome de animal+adj.+teónimo, part. copul., nome de animal+ adj.+teónimo+epíteto.

(b.3) ideia forte: recusa da existência de formas dat. em *-a* em vocábulos da 1ª decl. registados em lus., atendendo (b.3.1) à efectiva falta de paralelos acaso relacionáveis que sejam suficientemente determinantes ou credíveis; e, mais ainda, (b.3.2) à inequívoca e exclusiva presença da desinência *-ai/-ae* em todas as formas dat. seguras desse tipo de vocábulos documentadas em inscrições lusitanas — *CROVGEAI* (m.), *IOVEAI* (m.), *BROENEIAE* (f.).

(b.4) principal vulnerabilidade: ruptura e desarticulação da convincente simetria formal dos componentes textuais, e alteração dos respectivos contextos sintácticos; resultando, p.ex., uma singular tradução do seguinte tipo: ‘*Trebopala* = a ‘guarda do santuário’ (tem de sacrificar) uma ovelha e depois um porco, a (ou o) *labbo* (sacrifica) uma *comaiam*, a *iccona loiminna* (sacrifica) uma ovelha de alta qualidade (à deusa) *Trebaruna*, e depois um touro ... (ao deus) *Reve* ...’ (proposta que defende formas ac.+nom.: Untermann 2002).

Há uma década e inspirados na postura de Maggi 1983, adiantámos uma solução que visava compatibilizar as justas e incontornáveis observações de J. Untermann e de C. Búa com a tradicional interpretação simétrica do texto. Mas aquela nossa proposta — apesar de aceite por alguns colegas, designadamente por M.-J. Santos — forçava sem dúvida a estrutura sintáctica inerente à construção frásica da epígrafe, vindo pois a revelar-se insustentável:

² Untermann 1987, 63-64; *MLH* IV, 758; *id.* 2002, 69-70; *id.* 2010, 81-82; Búa 1999, 317-321; *id.* s/d, 54; Olivares 2002, 32 e 246; Salinas 2010, 622-623.

‘Damos-te esta ovelha, ó *Trebopala!*’ A *invocatio* lusitana de Cabeço das Fráguas (Portugal)

(c) Interpretação conciliatória³

(c.1) estrut. morfo-sintáct.:⁴ ac.+nom., *indi*, ac.+nom. / ac.+nom. / ac.+dat., *indi*, ac.+dat.

(c.2) cont. semânt.: nome de animal+teónimo, part. copul., nome de animal+teónimo / nome de animal+teónimo+epíteto / nome de animal+adj.+teónimo, part. copul., nome de animal+adj.+teónimo+epíteto.

(c.3) ideia forte: (c.3.1) perfeita simetria formal entre os componentes textuais e os respectivos conteúdos semânticos, embora supondo-se uma estrutura sintáctica não uniforme e dependente de duas diferentes formas verbais — resultando pois uma tradução do tipo ‘*Trebopala* (recebeu) uma ovelha’ vs. ‘a *Trebaruna* (sacrificou-se) uma ovelha de qualidade’; (c.3.2) simultânea recusa quanto à aludida existência de formas dat. em *-a* em vocábulos da 1ª decl. registados em lusitano.

(c.4) principal vulnerabilidade: “El problema insalvable es el principio de la elipsis verbal: el sujeto se entenderá automáticamente como agente y el objeto como paciente, de modo que el único marco predicativo aceptable será el del verbo ‘dar’; extremo incompatible con la mencionada teoría, que no postula una divinidad dadora, sino receptora” (Prósper 2010, 65).

A nova interpretação que ora apresentamos e defendemos fundamenta-se, essencialmente, na apreciação do texto como uma *invocatio*, ou seja, construído todo ele em discurso directo, mantendo assim na sua integralidade uma coerência e uma regularidade não apenas sintácticas mas, também, morfológicas:

(d) Nova interpretação

(d.1) estrut. morfo-sintáct.: ac.+voc., *indi*, ac.+voc. / ac.+voc. / ac.+voc., *indi*, ac.+voc.

(d.2) cont. semânt.: nome de animal+teónimo, part. copul., nome de animal+teónimo / nome de animal+teónimo+epíteto / nome de animal+adj.+teónimo, part. copul., nome de animal+adj.+teónimo+epíteto.

(d.3) ideia forte: perfeita simetria formal dos componentes textuais e respectivos conteúdos semânticos; porém, de acordo com o esquema formal e sintáctico próprios de uma *invocatio*, interpretando-se esta epígrafe como uma intencional cristalização através da escrita, ademais em suporte rupestre — e adquirindo assim, por ambas as razões, uma omnipresente transtemporalidade —, de uma *a priori* efémera situação presencial de oralidade e de fugaz relação directa entre os orantes/ofertantes e as divindades aí e então invocadas, embora ritualmente marcada por uma eficácia religiosa e pactual ela própria desde logo suposta e pretendida como de efeito perene.

³ Maggi 1983, 53-54; Cardim 2002; Santos 2007, 180-181; *id.* 2008, 261-263; *id.* 2009, 188.

⁴ Maggi 1983 considera apenas quatro invocações, supondo que o animal que *Icona Loimimna* recebe deverá interpretar-se, adjectivamente, como *porcom laebocomaiam*.

(d.4) prop. trad.: ‘(Damos-te) esta ovelha, ó *Trebopala*, e (damos-te) este porco, ó *Labbo!* (Damos-te) esta *comaia*, ó *Icona Loiminna!* (Damos-te) esta ovelha *ussea*, ó *Trebarune*, e (damos-te) este touro consagrado, ó *Reve Tre[...]*’.

DECLINAÇÕES E CASOS NO LÉXICO DA *INVOCATIO* DE CABEÇO DAS FRÁGUAS

- tema em *-a*: A atribuição de *Icona*, *Loiminna* e *Trebopala* e ainda dos subst. *comaia* e *oilam* e do adj. *usseam* à 1ª decl., de tem. *-a*, a ninguém oferece dúvidas. Os teónimos em causa apresentam formas regularmente compatíveis com a sua interpretação como voc. sing.. Se fossem dat. sing. esperar-se-iam desinências em *-ai* ou *-ae*, como em Arronches e Lamas de Moledo.⁵

- tema em *-o*: A pertença à 2ª decl., de tem. *-o*, dos vocábulos *porcom* e *taurrom* e a sua classificação como formas ac. sing. são obviamente consensuais.

- tema em *-i*: Já o mesmo não acontece com *Reve* nem com *Trebarune*, que consideramos como formas voc. sing. da 3ª decl., de tem. *-i*, tendo para o efeito em conta os seguintes pressupostos operativos: (a.1) a des. voc. PIE em *-ei*, própria dos temas em *-i*; (a.2) e ainda o comportamento vocálico do tema, como em algumas formas nom./(voc.) latinas, em *-ēs*; (b) a evolução da des. dat. *-ei* > *ē*, conforme no lat. arcaico, v.g. *Iunone* (Ernout 1953, 50 §66 e 40 §47; Pisani 1974, 165 e 176 §345; Baldi 2002, 310 e 326); (c) a probabilíssima queda da sibilante final em lusitano (Gorrochategui e Vallejo 2010, 74-75: “si es cierta una perdida general de toda *-s* final, son varias las implicaciones morfológicas y sintácticas que pueden ponerse de manifiesto”). Notemos que, nas inscrições latinas que do mesmo modo documentam estes teónimos, as suas formas dat. sing. são *Reve* e *Trebarune/-i* — aparentando pois recíproca identidade morfológica —, facto que se compa-

⁵ Hoje, o único exemplo seguro de dat. sing. grafado com *-a* na epigrafia da área lusitano-galaica regista-se no altar de Ribeiro de Moinho, Covilhã (Garcia 1991, 285 n° 11), consagrado *Arantia Ocelaeca et Arantio Ocelaeco*. Todos os outros comumente considerados encontram-se feridos por sérias dúvidas de leitura ou podem mesmo ser desde já corrigidos noutra direcção (Búa 1999, 318-320). Também a ara de Vale de Feitoso, Idanha-a-Nova (AE 1977, 102ss.), que mostraria “una estructura sintáctica muy rara: al teónimo en nom. TREBARON/NA sigue el nombre de una persona en dat. PROTAE TANCINI F(*iliae*)” (Untermann 2010, 81 n.4), apresenta afinal um M no início da l.2 — e não a sequência NA —, pelo que se vê haver sido consagrado a TREBARVN(e) — e não a *TREBARON/NA — por um tal M(*arcus*) PROTAE(*idius*) DANCINI F(*ilius*). Deve ainda ter-se em conta as lúcidas observações de Búa *ib.*, 318, ora aplicáveis apenas à inscrição de Ribeiro de Moinho: “los epígrafes votivos latinos documentan algunas formas teonímicas indígenas en *-a* en posición de dat.; nadie se ha planteado la posibilidad de someter estas formas en *-a* a un examen crítico sin sacarlas del contexto en que se hallan, que es puramente latino. De hecho, no debe olvidarse que los dat. en *-a* también se documentan [na epigrafia hispánica] entre las divinidades romanas” (Búa 1999, 318; contra, Prósper 2008, 63). Quanto a este caso, isolado, de Ribeiro de Moinho, não deve inclusive ser liminarmente descartada uma possível explicação de estrito cariz epigráfico — ou seja, não de âmbito filológico.

‘Damos-te esta ovelha, ó *Trebopala!*’ A *invocatio* lusitana de Cabeço das Fráguas (Portugal) dece bem melhor com a atribuição conjunta destes nomes a uma decl. de tema em *-i* do que a uma qualquer outra.⁶

Também *ifadem*, ac. sing. — a que corresponde no texto de Arronches *ifate*, ac. pl. —, o qual propusemos (Cardim 2010, 49) relacionar com o lat. *effatus*, ‘consagrado’, ‘determinado’/‘destinado’, ‘predito’ (do Pit. **eks*+**fā*-<PIE **h₁eg^hs* +**b^heh₂-*, ‘fora’+‘falar’: De Vaan 2008, 196 e 231; cf. ainda PCelt. **exs*, Celtib. *es, es-*, ‘fora’: Matasović 2009, 119), poderá ser um adj. (biforme?) de tem. *-i*.

Proposta quanto às declinações e casos dos substantivos e adjectivos registados na <i>invocatio</i> de Cabeço das Fráguas		
Declin.	Casos	Vocábulos
tem. <i>-a</i>	voc. sing. acus. sing.	<i>lccona, Loiminna, Trebopala</i> <i>comaiam, oilam, usseam</i>
tem. <i>-o</i>	acus. sing.	<i>porcom, taurom</i>
tem. <i>-i</i>	voc. sing. acus. sing.	<i>Revē</i> (< <i>ēs</i>), ⁷ <i>Trebarunē</i> (< <i>ēs</i>) <i>ifadem</i> ⁸
tem. <i>-n</i>	voc. sing.	<i>Labbo</i> ⁹

- tema em *-n*: Como Untermann *MLH* IV, 758; 2010, 82 (cf. ainda Wodtko 2010, 343), vemos em *Labbo* um nome da 3^a decl., de tema em consoante (*-n*). Na verdade, se fôra um dat. sing. de tem. *-o*, conforme pretendem a maior parte dos autores,¹⁰ deveria surgir nas Fráguas com a desinência *-oi*, ou *-ui*, presente em todas as formas deste tema classificáveis como dat. sing. registadas nas inscrições em lusitano (*Caelobrigoi, Magareaicoi, Petranioi/Petravioi* em L.M.; *Haracui* — 2x — em A.) e, mesmo, em numerosos exemplos de teónimos paleohispânicos da área lusitano-galaica inseridos em textos latinos mas mantendo íntegro o seu fâcies pré-latino: *Nabiagoi, Vesucoi; Isibraegui, Langanidaeigui, Marandicui*... Se fôra de facto um vocativo, mas de tem. *-o*, esperar-se-ia **Labbe*. A forma *Labbo*, como voc. sing. de tem. *-n*, em si mesmo não oferece problemas. Coloca-se porém aqui a incontornável questão de relacionar, ou não, *Labbo* — tão só patente na inscrição rupestre situada no topo do CF — com o teónimo *Laepus* — documentado em várias aras provenientes em exclusivo do sopé deste mesmo

⁶ (a) *Reve* — tem. *-a*: Tovar 1985, Maggi 1983; tem. *-o*: Schmoll 1959; tem. *-u*: Villar 1996; tem. cons.: Witczak 2005, Blažek 2006. (b) *Trebarune/-i* — tem. *-a*: pass.; tem. *-n*: Búa s/d, Untermann 2010; tem. cons.: Witczak 2005; porém, tem. *-i*: Prosper 1994, Villar 1993-95. Sínteses in *MLH* IV, 742 e Wodtko 2010, 343.

⁷ Proposta quanto à estrut. declinativa sing. de *Reve*: nom. e voc. **Rēūē* (<**Rēūēs*<**Deiūēs*<**Dyew-ēs*); dat. *Rēūē* (<**Rēūēi*<**Deiūēi*<**Dyew-ei*).

⁸ Nom. sing. **ifad/tē* (<*ēs*), adj. biforme.

⁹ Pressupondo-se um dat. sing. **Labboni*.

¹⁰ Não atendemos à hipótese de Witczak 1999, que considera *Laebo* (*sic*) um dat. pl.

acidente orográfico. Tal relação é, p.ex., negada por Untermann *MLH* IV, 758; 2010, 82, e, de modo implícito, também por Búa 1999; todavia, neste aspecto alinhamos com os restantes autores que, praticamente todos, consideram não haver uma simples coincidência de similitude fónica entre os nomes em análise, mas sim uma verdadeira relação de cariz etimológico. Embora tal aproximação parecesse mais segura quando, na epígrafe em lusitano, se supunha a forma *LAËBO — hoje definitivamente corrigida para LABBO —, não causará decerto especial impedimento aceitar a identidade dos radicais *lābb-* e *laep-* como diferentes interpretações ortográficas na passagem a escrito de uma base comum conhecida no exclusivo domínio da oralidade. A *Labbo* oferece-se um porco, e o culto de *Laepus* restringe-se — como vimos — a uma área no sopé; tudo leva pois a crer que ambas sejam divindades tópicas, expressando-se assim através de teónimos constituídos a partir de uma mesma base toponímica, que desde tempos ancestrais qualificaria esta elevação. A dificuldade reside na diferenciação morfológica das formas, *Labbo* de tem. *-n* e *Laepus* de tem. *-o*. Consideraríamos, assim, um antigo topónimo em *lāb-*, ou em *lāp-*, designativo daquele cabeço, na sua generalidade. Não iremos entrar aqui no possível significado semântico de tal topónimo, em qualquer dos casos muitíssimo provavelmente relacionado com as características geográficas do sítio; mas sim supor que o processo pode ter decorrido do seguinte modo — tendo sempre em conta a pré-existência da aludida base toponímica: (a) Em época pré-romana, proto-histórica, com base nesse topónimo e no âmbito de uma cultura e de uma realidade linguística lusitanas, haver-se-ia formado o teónimo *Lābbo*, em absoluta oralidade; e apenas bem mais tarde, já nos inícios do Império, escrito com alfabeto latino — mas mantendo-se em versão lusitana — na epígrafe rupestre. (b) De modo culturalmente independente — e, talvez também, culturalmente —, já em plena Romanidade e, aliás, numa época não demasiado precoce (sécs. II-III d.C.), e agora em preponderante contexto latino, ter-se-á sentido a necessidade de revivificar e re-consagrar a divindade tópica do lugar, embora — por razões concretas ainda não totalmente elucidadas — desta feita circunscrita a um sítio específico do mesmo: ao sopé do monte. E, então, a partir do mesmo e perdurável topónimo local, em *lāb-/lāp-* (que até poderia actualmente pronunciar-se de maneira algo distinta que séculos antes), ter-se-á construído, seguindo o mesmo esquema — que é o habitual —, uma nova forma teonímica de feição intrinsecamente latina, *Laepo* (dat.). Mas, enquanto que em âmbito cronológico pré-romano e em contexto linguístico lusitano o topónimo-base em *lāb-/lāp-* havia proporcionado uma forma teonímica de tem. *n-*, agora, em época imperial e em preponderante — ou mesmo impositivo — contexto linguístico latino, o mesmo topónimo-base terá antes originado uma diversa — e mais vulgar — forma teonímica de tem. *-o*. Deste modo mantemos a hipótese de relação etimológica entre *Lābbo* e *Laepus*, não supondo porém a ocorrência de um processo directo e horizontal, antes sim entendendo ambos os nomes como distintas — embora necessariamente similares — formas derivadas, em épocas e em contextos

‘Damos-te esta ovelha, ó *Trebopala!*’ A *invocatio* lusitana de Cabeço das Fráguas (Portugal) linguístico-culturais diferentes, de uma mesma e perdurável base toponímica pré-existente. Admitir, apenas, uma simples e directa latinização do teónimo lusitano a dada altura acontecida, **Labbo*>**Laepus*, explicando-se a diferença de tema com base exclusiva no processo e contexto dessa mesma latinização, é solução mais imediata e porventura mais económica, que não pode ser ela própria ignorada; mas cremos que a resolução que apresentamos, pese embora a sua maior complexidade, poderá estar talvez mais próxima da realidade histórico-linguística e processual ocorrida — decerto também ela notavelmente complexa, em muitos dos seus aspectos e particularidades.

¿Mas qual a razão, ou razões, que teriam condicionado a excepcional redacção do texto de CF em discurso directo? Para procurar responder a esta questão deveremos, antes do mais, compreender quais as principais características (1) tipológicas e (2) estruturais dos vários textos que testemunham a prática de oferendas plurais no Ocidente hispânico — lusitanas de CF, Lamas de Moledo e Arronches, latino ara de Marecos — bem como (3) as fundamentais especificidades do santuário de CF:

CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA DOS TEXTOS EPIGRÁFICOS QUE TESTEMUNHAM A PRÁTICA DE OFERENDAS PLURAIS NO OCIDENTE HISPÂNICO:

(a) Aspectos fundamentais:

(a.1) Não são inscrições votivas, pois nenhuma delas expressa a ideia de promessa ou de cumprimento de um voto;

(a.2) Todas elas traduzem, embora nem sempre de modo idêntico, a prática local de determinadas prescrições sacrificiais e rituais;

(a.3) Tais prescrições centram-se na oferenda (sacrifício) de uma série de animais a uma série de deuses, entre si correlacionados através do sexo e da importância/valor relativos;

(a.4) Trata-se de actos públicos e de significado colectivo no âmbito da(s) sociedade(s) interveniente(s), ancestralmente vinculada(s) a tais práticas e acreditadamente beneficiada(s) pelo ritual cumprimento das mesmas.

(b) Obs. (esp. quanto a CF):

(b.1) “Todas las inscripciones indoeuropeas indígenas de la franja occidental de Hispania tienen algo en común: El texto contiene la conmemoración (o la prescripción ritual para futuras ocasiones) de un sacrificio cruento a una serie de divinidades” (Prósper 2010, 63).

(b.2) O texto das Fráguas expressa “una liturgia sacrificial” e “lo he llamado liturgia por que no es en primer lugar votivo o dedicación sino algo que yo llamaría una prescripción pensada para más de una vez” (Koch 2010, 56).

(b.3) “De um modo geral, é tacitamente aceite tratar-se [CF] de um texto votivo, no entanto, esta inscrição é algo mais que isso: supõe uma prescrição sacrificial” (Schattner 2010, p. 109).

CARACTERIZAÇÃO ESTRUTURAL DESSES MESMOS TEXTOS EPIGRÁFICOS

(a) Cabeço das Fráguas (lus.):

(a.1) Estrut. text.: Singela¹¹ — a uma série de nomes de animais (dádivas) corresponde simétrica e paralelamente uma série de nomes de divindades. Cada nome de animal (por vezes adjectivado) e correspondente teónimo (por vezes epitetado) integram e preenchem por inteiro um curto segmento frásico, repetindo-se tal estrutura desde o início até ao fim do texto, embora através de três blocos distintos mas sequenciais: o primeiro bloco inclui dois desses curtos segmentos frásicos, entre si reunidos pela part. copul. *indi*; o segundo integra apenas um segmento frásico; o terceiro repete o esquema do primeiro.

(a.2) Posicion. sintác. teón.: voc. (?)

(a.3) Posicion. sintác. dádiva: ac.

(b) Lamas de Moledo (lus.):

(b.1) Estrut. text.: Complexa¹² — o principal corpo textual, que regista um ritual colectivo aqui testemunhado através da oferenda de dois animais (adjectivados) respectivamente a duas divindades (epitetadas), é precedido pelos seguintes elementos: (1) menção de dois indivíduos, que aludidamente escreveram o texto (frase em lat., forma verb. *scripserunt*); (2) menção do dedicante colectivo, expressa através de um etnónimo em nom. pl., seguindo-se uma forma verb. pl. no presente, compreensível no âmbito do campo semântico da dádiva (frase em lus., forma verb. *doenti*, ‘dão’).

(b.2) Posicion. sintác. teón.: dat.

(b.3) Posicion. sintác. dádiva: ac.

(c) Arronches (lus.):

(c.1) Estrut. text.: Complexa¹³ — três partes distintas, respectivamente constituídas (1) pela menção dos rituais de oferenda, (2) pela nomeação dos intervenientes e (3) pelo registo de dados complementares. (1) Os rituais de oferenda apresentam-se, por sua vez, subdivididos em três blocos distintos, embora sequenciais: (1.1) divindade feminina (teónimo praticamente indecifrável) a quem se dá três diferentes animais; (1.2) grupo de três divindades (culminando com *Reve*), a cada qual se dá 10 animais idênticos entre si (culminando com 10 touros ‘consagrados’); (1.3) grupo de duas divindades de cariz vincadamente tutelar, a cada qual se dá um animal. (2) Menção de três indivíduos, através do registo dos respectivos antropónimos em versão

¹¹ Note-se a total ausência da menção de dedicantes e/ou de outros personagens intervenientes, de formas verbais, ou de quaisquer elementos textuais complementares.

¹² Note-se a expressa menção de personagens intervenientes; dos dedicantes; e de formas verbais.

¹³ Note-se a expressa menção de personagens intervenientes; e de um trecho complementar que, aparentemente, alude às práticas rituais antes enunciadas.

‘Damos-te esta ovelha, ó *Trebopala!*’ A *invocatio* lusitana de Cabeço das Fráguas (Portugal) latinizada, conjuntamente denominados como *ougurani*. (3) Trecho a bem dizer indecifrado, mas que conterà, parece — e além de outros dados —, algumas referências aos presentes ritos, tidos como consumados.

(c.2) Posicion. sintác. teón.: dat.

(c.3) Posicion. sintác. dádiva: acus.

(d) Marecos (lat.):

(d.1) Estrut. text.: Complexa¹⁴ — três partes distintas, respectivamente constituídas (1) pela menção dos rituais de oferenda, (2) pelo registo de dados complementares e (3) pela nomeação dos intervenientes. (1) Os rituais de oferenda apresentam-se, por sua vez, subdivididos em dois blocos distintos, embora sequenciais: (1.1) oferendas de animais a *Nabia*, quer com epíteto quer na sua feição singela; (1.2) grupo de três divindades, à primeira das quais (*Jupiter*) são ofertados dois animais, às restantes um animal a cada. (2) Menção do âmbito de validade dos ritos e das circunstâncias de lugar, temporais e cronológicas em que estes se realizaram. (3) Menção de três indivíduos, através do registo dos respectivos antropónimos, conjuntamente denominados como *curatores*.

(d.2) Posicion. sintác. teón.: dat.

(d.3) Posicion. sintác. dádiva: ac.

FUNDAMENTAIS ESPECIFICIDADES DO SANTUÁRIO DE CABEÇO DAS FRÁGUAS

(a) Principal característica: sua assumida e perdurável centralidade, como sagrado *axis mundi* evidente na paisagem e comum aos vários territórios circundantes e às respectivas comunidades.

(b) Obs.:

(b.1) “O CF cedo assumiu papel de destaque como um importante marco visual na geografia física e religiosa das comunidades proto-históricas da região. Comprova-o não só a longevidade de sua ocupação, desde os últimos momentos do Bronze Final até ao séc. I, como também a vitalidade do uso deste espaço no âmbito cultural, manifesta no factor de continuidade que perpassa as subsequentes reformulações da área de acrópole” (Santos e Schattner 2010, 104-105).

(b.2) “O ‘santuário’ do CF poderá então ser entendido como ‘*meeting place*’, lugar sacro de encontro, para dirimir sob protecção divina todo o tipo de questões políticas, económicas e sociais. A sua importância neste papel mantém-se até tarde, como o comprovam a inscrição lusitana bem como a romanização do local” (Senna-Martínez 2010, 23).

(b.3) Neste santuário “algo que definitivamente chama a atenção de uma forma mais imediata é o cuidado posto na demarcação deste recinto e a

¹⁴ Note-se a expressa menção de personagens intervenientes; do registo do objectivo primordial dos sacrifícios e das circunstâncias relacionadas com os ritos; e das explícitas referências de datação.

sua organização sob a égide da circularidade. A própria laje escolhida para receber a inscrição não é fruto do acaso, encontrando-se precisamente no centro físico da coroa do monte que, de resto, apresenta uma configuração sub-circular. O que parece claro é que este sítio terá desempenhado uma função de lugar central, ao qual se deslocariam os habitantes dos territórios envolventes” (Santos 2010, 135 e 137).

A simplicidade formal e a estrutura simétrica do texto das Fráguas, bem como o evidente cariz de *omphalos* que este santuário desempenhou no âmbito territorial e comunitário envolventes, explicitam e justificam *de per si* — se assim nos podemos expressar — a passagem a escrito de uma verdadeira *invocatio* ritual. Neste contexto, impunha-se evidentemente a utilização de formas vocativas para designar os teónimos — para chamar os deuses, para lhes falar directamente. Esta pretendida proximidade, facultada pelo voc., não teria sido conseguida através do dat., caso que pela sua própria natureza é alheio à ideia de presencialidade:

Teónimos - voc. vs. dat.:

- voc.:¹⁵ A utilização do voc. investe e concretiza o ser interpelado como actor primordial no âmbito do contexto circunstancial decorrente, presenciando-o e activando-o também a ele próprio no mesmo espaço e no mesmo tempo onde se situa e onde age o actor-interpelador.

- dat.:¹⁶ A utilização do dat. afasta o ser assim designado do tempo e/ou do espaço inerentes ao contexto circunstancial decorrente, centrando-se agora a atenção sobretudo no actor-dedicante e no próprio acto por ele a dada altura praticado; circunscrevendo-se pois o papel do primeiro ao de mero receptor aqui ‘passivo’ e ‘ausente’ — remetido pois para um passado, para um futuro, ou mesmo que incluso num certo ‘presente histórico’ — das preces, dos ritos e das oferendas ora registados pelo segundo, que os efectuou, efectua ou efectuará num outro quadro real, aqui simplesmente enunciado/rememorado.

¹⁵ (a) “Le voc. installe l’être nommé dans ce présent réel où s’effectue la parole. En désignant l’être au voc. le locuteur le convie à prendre place dans le temps d’accomplissements de la parole comme son partenaire, soit: comme l’objet animé visé par cette parole ; il lui confère, donc, une ‘présence vraie’, la présence vraie d’un ‘toi’” (Carvalho 1985, 828-829). (b) “Al caracterizar el voc. hago más las palabras de L. Prat [1975], para quien es un caso ‘en la vida’ frente al resto, que serían casos ‘en la frase’. El apóstrofe que el voc. practica con respecto a la línea discursiva, nos transfiere desde la frase a las condiciones externas del acto de habla y, concretamente, al interlocutor. Yo creo que la apelación, la función propia del voc., se diferencia claramente de la exclamación. Y es que la apelación supone la presencia del interlocutor que, además, se convierte en referente del discurso” (Moralejo 1986, 305 e 306).

¹⁶ “Il semble donc légitime d’affirmer que la première articulation sous-tendant le système casuel latin est celle qui oppose un cas de ‘présence vraie’ — le voc. — à un ensemble de cas relevant de la ‘représentation de l’absent’, c’est-à-dire ayant en commun de faire référence à un moment qui, reconstruit par la phrase, se déclare par là-même, extérieur au ‘présent réel’ du locuteur” (Carvalho 1985, 829).

‘Damos-te esta ovelha, ó *Trebopala!*’ A *invocatio* lusitana de Cabeço das Fráguas (Portugal)

As não muito numerosas preces registadas no mundo itálico — e, mais tarde, no Império — que acrescentam à interpelação vocativa da(s) divindade(s) a expressa menção da(s) respectiva(s) oferenda(s), designadamente de animais, poderão — pelo menos até certo ponto — servir de paralelo para a *invocatio* lusitana de CF. Porém, na maioria desses casos as oferendas registam-se em abl. (p.ex.: *Tab.Iguv.* VIa 25-55; Cato, *De Agr.* 132.2, 134.2-3, 141.3-4; *Lud. Saec.* CIL VI 32323; *Ac. Arv.* in Scheid 1998, ns. 5,7, 12, 22, 23, 48, 54, 55, 60, 84 e 85; CIL II 2660e); o que não impede que nalguns outros surjam, como nas Fráguas, em ac. (p.ex.: *Tab.Iguv.* IIb 24; *Ac. Arv.* in Scheid 1998, n° 59; *IDR* III.2 241; Tertul., *De Cor. Mil.* 12.3; preces judic. de *Roma*, Fox 1912; prece judic. de *Salacia*, *AE* 2001, 1135). Benveniste 1969, I 29-30, ao analisar a palavra *suouetaurilia*, salienta não ser esta “un composé ordinaire, mais un juxtaposé comportant non des thèmes nominaux, mais des formes casuelles. Il est formé d’une succession de trois ablatifs. Pourquoi ce juxtaposé?” E a resposta que encontra é a seguinte: “C’est qu’il est tiré de l’expression rituelle où le nom de l’animal sacrifié est à l’abl.: *sū facere* ‘sacrifier au moyen d’un animal’, et non l’animal lui-même”. Por fim, conclui: “*facere*+l’abl. est certainement la construction ancienne”. Mas em ambas as séries que referimos, quer com abl. quer com ac., encontramos exemplos de todas as épocas. Saliente-se, no que se refere a casos antigos com oferendas expressas em ac., a *Tab.Iguv.* IIb 24, ou ainda as ‘Johns Hopkins *tabellae defixionum*’, da 1ª met. do séc. I a.C. (cf. Ernout 1947, 100-104 n° 140). A diferença não será pois sobretudo de origem cronológica, antes sim circunstancial, traduzindo-se através da intrínseca natureza funcional do caso intencionalmente adoptado:

Oferendas - ac. vs. abl.:

- ac.:¹⁷ A utilização do ac. concretiza, particulariza — e, até certo ponto, presencia — o objecto prometido em voto, dado, ou colocado/sacrificado diante da divindade. Trata-se de uma determinada dádiva, de um determinado animal ofertado — mesmo que já no passado, ou ainda no futuro —, e não de uma dádiva ou de um animal apenas de tipo definido mas materialmente distante. Além disto, a tónica é posta nessa determinada dá-

¹⁷ “Ainsi l’acc. fait voir, dans chacun de ses emplois, un être intervenant en position d’apport conclusif, subordonné, à la représentation, engagé à partir d’un autre être, d’un certain cas d’événement. Mais cette personne seconde, conclusive, est un NON-SUJET ou NON-PROTAGONISTE ‘privilegié’, puisqu’il se trouve à proximité immédiate du SUJET ou PROTAGONISTE, et qu’il constitue avec celui-ci, comme son partenaire, la ‘présence vive’ de l’événement délocuté. Enfin, tout comme le TOI [voc.] est, dans l’instant de la parole, un MOI virtuel, ce NON-PROTAGONISTE ‘présent’, ‘essentiel’, ‘constitutif’ signifié par l’acc. se laisse lui aussi caractériser comme ‘protagoniste’ virtuel, voire, si l’on veut, comme un ‘quasi-protagoniste’, ou ‘protagoniste en second’.” “On met à l’acc. le nom de tout être dont on ne sait dire que ceci quand à sa relation à l’événement délocuté: x (=NON-MOI) est là, devant moi, soumis à mon regard” (Carvalho 1985, 833 e 838).

diva ou nesse determinado animal, e não nas circunstâncias rituais — ou outras — em que se processou, processa ou processará tal oferenda ou sacrifício. Tal dádiva (ac.) encontra-se em relação estreita, directa e objectiva com a forma verbal — explícita ou implícita — que, nesse contexto, caracteriza e condiciona a acção expressa na frase: *do, dedit, voveo...*

- abl.:¹⁸ A utilização do ablativo ‘desmaterializa’ até certo ponto o objecto prometido em voto, dado, ou colocado/sacrificado diante da divindade. Trata-se agora não da evidência de uma determinada dádiva concreta, de um determinado e particular animal ofertado — mesmo que já no passado, ou ainda no futuro —, mas sim sobretudo da mera referência a um determinado tipo de dádiva, de animal, materialmente distante e remetido para um outro quadro real; oferenda através da qual — e não com a qual — se honra a divindade. A tónica é pois aqui posta nas circunstâncias, principalmente rituais, e nas condicionantes e contextos em que se processou, processa ou processará tal oferenda ou sacrifício, e não na dádiva ou no animal em si mesmos que conjuntamente participaram, participam ou participarão nesses eventos.

Compreendemos agora melhor porque na *invocatio* das Fráguas as ofertas animais vêm em ac., tal como acontece nas epígrafes de cariz propriamente votivo (p.ex. *CIL* II 3820), ou nas que comemoram um acto religioso e ritual já realizado (p.ex. Arronches, Lamas de Moledo, Marecos). Em qualquer dos casos não se trata de uma dádiva apenas tipologicamente definida mas fisicamente (ainda) não materializada, ou ainda da simples designação do “véhicule de la demande adressée aux dieux que l’on implore” (Champeaux 2010, 21) — como nas preces com abl. —, mas sim de uma oferenda concreta, particular, escolhida, que em virtude das suas individuais qualidades se entregou, entrega ou entregará aos deuses.¹⁹

A análise do texto das Fráguas, feita à luz do entendimento funcional dos casos gramaticais aí empregues, ora no que se refere aos animais sacrificados, revela-nos pois a personalidade própria e a dimensão operante desta prece e da prática ritual que lhe está — ou à qual ela está — indelevelmente associada:

¹⁸ (a) “L’abl. est, littéralement, la représentation du ‘dehors’ d’un ‘dedans’, c’est-à-dire de ce qui, appartenant au ‘présent’ de l’événement délocuté, se situe, néanmoins, ‘en marge’ de ce ‘présent’ ” (Carvalho 1985, 857). (b) “El dat. (...) expresa (...) la ‘causa inanimada del proceso’ ” (Groot 1956, *ap.* Gutiérrez 2004, 310-311). (c) “Al caracterizar el abl. como caso adverbial circunstancial lo oponemos al ac.” (Moralejo 1986, 316).

¹⁹ É interessante notar que o peso da habitualidade inerente a estas práticas, vinculadas ao concreto e celebradas no quotidiano, se vá mesmo reflectir em certas preces oficiais onde, tendo em conta a respectiva estrutura frásica e conceptual, esperaríamos encontrar formas abl. — e não ac. (p.ex. na *Ac. Arv.* de 91 d.C., Scheid 1998, nº 59; em *IDR* III.2 241; ou na menção de Tertuliano, que advém da pública “profissão anual de votos”).

‘Damos-te esta ovelha, ó *Trebopala!*’ A *invocatio* lusitana de Cabeço das Fráguas (Portugal)

ESTRUTURA DO TEXTO DE CABEÇO DAS FRÁGUAS E SEU SIGNIFICADO CULTURAL

- dádivas, ac.: Concretas; adequadas; pressupõe-se a sua prévia selecção e tratamento atendendo a vários factores e características específicos; presentes. Preponderante — determinante — papel no ritual.²⁰

- teónimos, voc.: Directa interpelação das divindades. Sua acreditada presença efectiva e convivencial no decurso das práticas rituais, no *locus sacer* e no *tempus sacrum* específicos e concretos. Possibilidade de lhes falar, de com elas pessoalmente estabelecer — e de renovar — os *pacta fidei* nos termos ancestralmente acordados entre elas mesmas e as comunidades ali representadas através dos respectivos cultuantes. Seu papel activo e dominante no âmbito das cerimónias religiosas praticadas em assumido diálogo com elas.

CONCLUINDO

¿Em que consiste e o que representa, pois, o monumento epigráfico rupestre de CF, no seu todo? Segundo acreditamos trata-se, em primeiro lugar, do registo escrito de uma *invocatio*, ou, se se preferir, de uma série coerente de cinco *invocationes* agrupadas e sequenciadas de acordo com um critério o qual diríamos preponderantemente hierárquico e funcional, iniciando-se com duas divindades que Dumézil designaria como da ‘3ª função’ e finalizando com outras duas de cariz celeste, ou soberano — sendo estas, aliás, as únicas a quem se doam animais adjectivados. Na sua inequívoca singularidade, esta inscrição de facto não se enquadra num âmbito estritamente votivo, nem se cinge ao averbamento memorialista de uma determinada cerimónia ritual acontecida; mas não é também uma mera ‘prescrição ritual’ ou ‘sacrificial’ pensada para mais de uma vez, espécie de lacónica súmula de uma *lex sacra* deste santuário. A sua estrutura sintáctica, bem como a marcante simetria formal dos seus diferentes componentes textuais e respectivos conteúdos semânticos, imprimem-lhe um indiscutível carácter de actuante eficácia e, supomos, de evidente oralidade, concretamente de prece ritual pronunciada em âmbito cerimonial — e na acreditada presença das próprias divindades interpeladas e obsequiadas.

²⁰ Supomos que o mais adequado tipo de forma verbal que haverá de ser subentendido no âmbito do texto em análise deverá remeter para a ideia de ‘dar’, de ‘ofertar’ — sem dúvida no presente e, talvez (atendendo ao carácter público e colectivo do ritual), na 1ª pess. pl., ‘damos-te’. Tal opção baseia-se quer no efectivo registo de uma forma verbal deste tipo no memorial ritualista lusitano de Lamas de Moledo, *doenti* (cf. *MLH* IV 739; Prósper 2002, 63-64; Witczak 2005, 125-129), quer ainda nas intrínsecas características do verbo *dare*, designadamente em contextos rituais: “the verb transferring something (*do/dono*) to the god is never in the future tense but always in either the present or the perfect. Consequently, it is not a promise to give (and hence is not part of a conditional proposition) but a performative present (or past) referring to an action that is now being performed or has already taken place: the object is hereby ceded to the god” (Versnel 2010, 348).

Por certo transmitida de geração em geração, talvez ao longo de centenas de anos, e periodicamente (¿anualmente?) pronunciada neste mesmo local, centro convergente e sacralizado dos territórios circundantes e das várias comunidades humanas aí viventes, esta tradicional prece em língua lusitana, integrada num contexto de práticas cerimoniais e de ritos visando a imperiosa e benéfica renovação dos vínculos de *pietas* com os deuses — e em simultâneo também, por certo, dos pactos de *fides* inter-comunitários, ou do simples e natural fortalecimento da *concordia* consuetudinária —, esta prece — dizíamos — foi a dada altura, nos alvares da Romanidade, passada a escrito, utilizando-se como veículo o alfabeto latino e como suporte um afloramento rochoso situado não muito longe do centro do recinto sagrado. Assim se cristalizou agora e se fixou, no tempo e no espaço, aquilo que antes era efémero e volátil, acrescentando sobremaneira, com os novos meios técnicos e de acordo com os pressupostos mentais proporcionados pela escrita, a eficácia jurídica e religiosa das palavras, ora materializadas, palpáveis e perenes.

Importa porém sublinhar que este registo escrito da oralidade se afasta, em termos da sua própria natureza funcional — e apesar das respectivas analogias sintácticas e de conteúdo —, das frases ou conjuntos frásicos com aquele mesmo perfil locutório e invocatórios inclusos em textos de cariz actuário, como os dos *fratres aruales*, ou similares, ou de cariz regulamentar, como as prescrições úmbrias de *Ikuvium*, ou ainda das menções de um Catão ou de um Tertuliano. Antes se aproxima muito mais, pelas concretas circunstâncias de ritualidade em que se insere e às quais está íntima e indissociavelmente ligado, das designadas ‘preces judiciárias’. De facto, pesem no entanto, agora aqui, todas as manifestas diferenças conjunturais e culturais relativas às particulares características intrínsecas de cada qual e às suas tão diferentes essências e motivos operantes, em ambos os casos estamos afinal perante a ritual corporalização material de uma prece, cuja eficácia se deseja assim aumentar e perpetuar.

Com a sua continuada e activa invocação de toda uma série de divindades ligadas àqueles territórios e àquelas comunidades e, através desses deuses — e da sua assim conseguida presencialidade —, unindo ali globalmente os vários planos cósmicos, desde o infernal ao celeste, o loquaz registo epigráfico rupestre das Fráguas transmutou a rocha em que se inscreve num verdadeiro e poderoso *axis mundi*, exponenciando assim o significado e o simbolismo daquele antigo *locus sacer* como escolhido ponto de encontro e de renovada solidariedade quer entre comunidades vizinhas, quer entre tais grupos humanos e seus numes.

‘Damos-te esta ovelha, ó *Trebopala!*’ A *invocatio* lusitana de Cabeço das Fráguas (Portugal)

BIBLIOGRAFIA

- Alarcão 2001: J. de Alarcão, “Novas perspectivas sobre os Lusitanos”, *RPA* 4, 2001, 293-349.
- Alfayé e Marco 2008: S. Alfayé e F. Marco, “Religion, language and identity in Hispania”, in: R. Häussler (ed.), *Romanisation et Épigraphie*, Montagnac 2008, 281-305.
- Baldi 2002: Ph. Baldi, *The Foundations of Latin*, Berlin-New York 2002.
- Benveniste 1969: E. Benveniste, *Le Vocabulaire des Institutions Indo-Européennes*, Paris 1969.
- Blažek 2006: V. Blažek, “Lusitanian Language”, *Studia Minora Facultatis Philosophicae Universitatis Brunensis* 11, 2006, 5-18.
- Búa s/d: J.-C. Búa, *Estudio Lingüístico de la Teonimia Lusitano-Gallega*, Universidad de Salamanca s/d.
- Búa 1999: J.-C. Búa, “Hipótesis para algunas inscripciones rupestres del occidente peninsular”, in: *VII CLCP*, Salamanca 1999, 309-327.
- Cardim 2002: J. Cardim Ribeiro, “A ‘ideologia tripartida dos Indoeuropeus’”, in: *id.* 2002a, 369-370.
- Cardim 2002a: J. Cardim Ribeiro (ed.), *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Lisboa 2002.
- Cardim 2010: J. Cardim Ribeiro, “Algumas considerações sobre a inscrição em ‘lusitano’ descoberta em Arronches”, *PalHisp* 10, 2010, 41-62.
- Carvalho 1985: P. de Carvalho, *Nom et Déclinaison*, Bordeaux 1985.
- Champeaux 2010: J. Champeaux, “*Certis precatationibus*”, in: S. Roesch (ed.), *Prier dans la Rome Antique*, Paris 2010, 13-33.
- Curado 1989: F. Curado, “As inscrições indígenas de Lamas de Moledo (Castro Daire) e do Cabeço das Fráguas, Pousafoles (Sabugal)”, in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu 1989, 349-370.
- Curado 1996: F. Curado, “As inscrições indígenas de Lamas de Moledo e do Cabeço das Fráguas”, in: J. Alarcão e A. Santos (ed.), *De Ulisses a Viriato*, Lisboa 1996, 154-159.
- Curado 2002: F. Curado, “A ‘ideologia tripartida dos Indoeuropeus’ e as religiões de tradição paleohispânica no ocidente peninsular”, in: Cardim 2002a, 71-77.
- De Vaan 2008: M. De Vaan, *Etymological Dictionary of Latin and the other Italic Languages*, Leiden-Boston 2008.
- Ernout 1947: A. Ernout, *Recueil de Textes Latins Archaiques*, Paris 1947³.
- Ernout 1953: A. Ernout, *Morphologie Historique du Latin*, Paris 1953³.
- Fox 1912: W. Fox, *The Johns Hopkins Tabellae Defixionum*, Baltimore 1912.
- Garcia 1991: J.-M. Garcia, *Religiões Antigas de Portugal*, Lisboa 1991.
- Gorrochategui e Vallejo 2010: J. Gorrochategui e J. Vallejo, “Lengua y onomástica: las inscripciones lusitanas”, in: Schattner e Santos 2010, 71-80.
- Groot 1956: A. de Groot, “Classification of cases and uses of cases”, in: M. Halle et al., *For Roman Jakobson*, La Haya 1956, 187-194.
- Gutiérrez 2004: M. Gutiérrez, “El dativo latino”, *Em* 72, 2004, 301-350.

- Guyonvarc'h 1967: Ch.-J. Guyonvarc'h, "L'inscription du Cabeço das Fráguas (Portugal)", *Ogam* 19.3-4, 1967, 253-263.
- Koch 2010: M. Koch, "Postoloboso, Cabeço das Fráguas, Monte do Facho", in: Schattner e Santos 2010, 55-62.
- Maggi 1983: D. Maggi, "Sui teonimi Trebopala e Iccona nell'iscrizione lusitana del Cabeço das Fráguas", in: E. Campanile (ed.), *Problemi di Lingua e di Cultura nel Campo Indoeuropeo*, Pisa 1983, 53-60.
- Marco 2005: F. Marco Simón, "Religion and religious practices of the ancient Celts of the Iberian Peninsula", *e-Keltoi* 6, 2005, 287-345.
- Matasović 2009: R. Matasović, *Etymological Dictionary of Proto-Celtic*, Leiden-Boston 2009.
- MLH IV: J. Untermann, *Monumenta Linguarum Hispanicarum* IV, Wiesbaden 1997.
- Moralejo 1986: J.-L. Moralejo, "Sobre los casos latinos", *REL* 16.2, 1986, 293-323.
- Olivares 2002: J. Olivares, *Los Dioses de la Hispania Céltica*, Madrid 2002.
- Pedrero 1999: R. Pedrero, "Aproximación lingüística al teónimo lusitano-gallego *Bandue/Bandī*", in: VII CLCP, Salamanca 1999, 535-543.
- Pisani 1974: V. Pisani, *Grammatica Latina Storica e Comparativa*, Torino 1974⁴.
- Prat 1975: L. Prat, *Morphosyntaxe de l'Ablatif en Latin Archaique*, Paris, 1975.
- Prósper, 1994: B. Prósper, "El teónimo paleohispano *Trebarune*", *Veleia* 11, 1994, 187-196.
- Prósper, 2002: B. Prósper, *Lenguas y Religiones Prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*, Salamanca 2002.
- Prósper 2008: B. Prósper, "Lusitanian. A non-celtic Indo-European language of western Hispania", in: J. García Alonso (ed.), *Celtic and other Languages in Ancient Europe*, Salamanca 2008, 53-64.
- Prósper 2010: B. Prósper, "Cabeço das Fráguas y el sacrificio indoeuropeo", in: Schattner e Santos 2010, 63-70.
- Prósper 2010a: B. Prósper, "La lengua lusitana en el marco de las lenguas indoeuropeas occidentales y su relación con las lenguas itálicas" in: G. Carrasco e J. Oliva (eds.), *El Mediterráneo Antiguo: Lenguas y Escrituras*, Cuenca 2010, 361-391.
- Rodríguez 1995: A. Rodríguez Colmenero, "Corpus de inscripciones rupestres de época romana del cuadrante NW de la Península Ibérica", in: *id.* e L. Gasperini (eds.), *Saxa Scripta*, A Coruña 1995, 117-259.
- Salinas 2010: M. Salinas de Frías, "Sobre algunas especies animales en el concepto de las religiones prerromanas de Hispania", *PalHisp* 10, 2010, 611-628.
- Santos 2007: M.-J. Santos, "El sacrificio en el occidente de la Hispania romana: para un nuevo análisis de los ritos de tradición indoeuropea", *PalHisp* 7, 2007, 175-217.

- ‘Damos-te esta ovelha, ó *Trebopala!*’ A *invocatio* lusitana de Cabeço das Fráguas (Portugal)
- Santos 2008: M.-J. Santos, “The triple animal sacrifice and the religious practice of the indigenous western Hispania”, in: A. Sartori (ed.), *Dedicanti e Cultores nelle Religioni Celtiche*, Milano 2008, 253-274.
- Santos 2009: M.-J. Santos, “Lusitanos y Vettones en la Beira Interior portuguesa: La cuestión étnica en la encrucijada de la arqueología y los textos clásicos”, in: P. Sanabria (ed.), *Lusitanos y Vettones: Los pueblos prerromanos em la actual demarcación Beira Baixa - Alto Alentejo*, Cáceres 2009, 181-196.
- Santos 2010: M.-J. Santos, “O Cabeço das Fráguas e a concepção de espaço sagrado na *Hispania* indo-europeia”, in: Schattner e Santos 2010, 131-145.
- Santos e Shattner 2010: M.-J. Santos e Th. Shattner: “O Santuário de Cabeço das Fráguas através da arqueologia”, in: Schattner e Santos 2010, 89-108.
- Schattner 2010: Th. Schattner, “Breve observação sobre a representação processional no ocidente hispânico”, in: Schattner e Santos 2010, 109-129.
- Schattner e Santos 2010: T. Schattner e M.-J. Santos (eds.), *Porcom, Oilam, Taurom. Cabeço das Fráguas: o Santuário no seu Contexto*, Guarda 2010.
- Scheid 1998: J. Scheid, *Commentarii Fratrum Arualium qui Supersunt*, Roma 1998.
- Schmidt 1985: K. Schmidt, “A contribution to the identification of Lusitanian”, in: *III CLCP*, Salamanca 1985, 319-341.
- Schmoll 1959: U. Schmoll, *Die Sprachen der Vorkeltischen Indogermanen Hispaniens und Keltiberische*, Wiesbaden 1959.
- Senna-Martínez 2010: J.-C. Senna-Martínez, “Um mundo entre mundos. O grupo de Baiões/Santa Luzia: sociedade, metalurgia e relações inter-regionais”, in: Schattner e Santos 2010, 13-26.
- Tovar 1985: A. Tovar, “La inscripción del Cabeço das Fráguas y la lengua de los Lusitanos”, in: *III CLCP*, Salamanca 1985, 227-253.
- Untermann 1987: J. Untermann, “Lusitanisch, Keltiberisch, Keltisch”, in: *IV CLCP*, Vitoria 1987, 57-76.
- Untermann 1997: *MLH IV*.
- Untermann 2002: J. Untermann, “A epigrafia em língua lusitana e a sua vertente religiosa”, in: Cardim 2002a, 67-70.
- Untermann 2010: J. Untermann, “Las divinidades del Cabeço das Fráguas y la gramática de la lengua lusitana”, in: Schattner e Santos 2010, 81-88.
- Vaz 2009: J.-L. Vaz, *Lusitanos no Tempo de Viriato*, Lisboa 2009.
- Versnel 2010: H. Versnel, “Prayers for justice, East and West”, in: R. Gordon e F. Marco (eds.), *Magical Practice in the Latin West*, Leiden-Boston 2010, 275-354.
- Villar 1993-95: F. Villar, “Un elemento de la religiosidad indoeuropea: *Tre-barune, Toudopalandaignae, Trebopala, Pales, Višpalā*”, *Kalathos* 13-14, 1993-95, 355-388.
- Villar 1996: F. Villar, “El teónimo *Reve* y sus epítetos”, in: W. Meid e P. Anreiter (eds.), *Die Grösseren Altkeltischer Sprachdenkmäler*, Innsbruck 1996, 160-211.

José Cardim Ribeiro

- Witczak 1999: K. Witczak, “On the Indo-European origin of two Lusitanien theonyms (LAEBO and REVE)”, *Em* 67, 1999, 65-73.
Witczak 2005: K. Witczak, *Język i Religia Luzytanów*, Łódź 2005.
Wodtko 2010: D. Wodtko, “The problem of Lusitanian”, in: B. Cunliffe e J. Koch, *Celtic from the West*, Oxford 2010, 335-367.

José Cardim Ribeiro
Universidade de Lisboa
Correo-e: jcardim@sapo.pt

Fecha de recepción del artículo: 25/02/2013

Fecha de aceptación del artículo: 04/03/2013

‘Damos-te esta ovelha, ó *Trebopala!*’ A *invocatio* lusitana de Cabeço das Fráguas (Portugal)

ANEXO

Proposta quanto às declinações em Lusitano

Dcl./cs.	Ds.sg.	Vocáb.	Reconst.	Ds.pl.	Vocáb.	Reconst.
tem. -a nom.	*-a		*oila			
voc.	-a	ICCONA (f), CF LOIMINNA (f), CF TREBOPALA (f), CF				
acus.	-am	COMAIAM (f), CF ERBAM (f), A OILAM (f), CF, A VSSEAM (f), CF		-a	OILA (f), A	
dat.	- exi -(ei)ae	CROVGAEI (m), LM IOVEAI (m), LM BROENEIAE (f), A				
loc. (?)	-ae	CARLAE (f), AP				
tem. -o nom.	*-o		*porco	-i	OVGV R ANI (m), A VEAM N ICORI ou VEAM N I CORI (m), LM	
ac.	-om	AN VCOM ou AV VCOM (m), LM LAMATICOM (m), LM PORCOM (m), CF, LM TAVROM (m), CF		*-o		TAV[RO] (m), A
dat.	-oi -ui	CAEILOB R IGOI (m), LM MAGARE A ICOI (m), LM PETRAN IO I ou PETRA V IOI (m), LM HARACVI (m), A				
tem. -i nom.	*-e/-i		*Ifad/te *Muniti/e *Band(u)/e			
voc.	-e	REVE (m), CF TREBARVNE (f), CF				
acus.	-em	IFADEM (m/f?), CF		-e	IFATE (m/f?), A	
dat.	-e/-i	BANDI (m), A HARASE (f), A MVNITIE (f), A, AP (?) REVE (m), A				
tem. -n nom.	*-o		*Labb o			
voc.	-o	LABBO (m), CF				
dat.	-oni/-e		*Labboni/-e			

Quadro 1: Vocábulos e casos em inscrições paleohispânicas
(A=Arronches; AP=Arroyo del Puerco; CF=Cabeço das Fráguas; LM=Lamas de Moledo).

Dcl./cs.	Ds.sg.	Vocáb.	Ds.pl.	Vocáb.	Obs.
tem. -a dat.	- <i>ai</i>	<i>CROVGIAI</i> (m), XL	- <i>abo</i> - <i>abor</i>	<i>DEIBABO</i> (f), AC <i>DEIBABOR</i> (f), V	
tem. -o dat.	- <i>oi</i> - <i>oe</i> - <i>ui</i> - <i>ue</i>	<i>NABIAGOI</i> (m), B <i>VESVCOI</i> (m), Mi <i>TONGOE</i> (m), B <i>TOVDADIGOE</i> (m), XL <i>BRIALEACVI</i> (m), C <i>ISIBRAIEGVI</i> (m), BP <i>LANGANIDAEIGVI</i> (m), Md <i>MARANDICVI</i> (m), G <i>TATIBEACVI</i> (m), Q <i>VORDIAIGEVI</i> (m), IN <i>VORDEAICVI</i> (m), M <i>ALANOBRIGVE</i> (m), SA	- <i>obor</i> - <i>obo</i> - <i>ubo</i>	<i>DEIBOBOR</i> (m), V <i>VISSAIEIGOBOR</i> (m), V <i>ARQVIENOBO</i> (m), SL <i>LVGVBO</i> (m), SL	
tem. -i dat.	- <i>ei</i> - <i>e/-i</i>	<i>ARASEI</i> (f), FF <i>BANDEI</i> (m), C <i>ARASE</i> (f), MP <i>BANDE</i> (m), A.F <i>BANDI</i> (m), p <i>BANDVE</i> (m), O <i>REVE</i> (m), p <i>TREBARVNE</i> (f), Pp <i>TREBARONNE</i> (f), CB <i>TREBARONI</i> (f), Co			Supondo, a partir dum n.s. * <i>Bandui/e</i> , as formas d.s.: <i>Bandui/e-ei</i> >* <i>Bandu-ei</i> > (1) > <i>Bandue</i> > <i>Bandu</i> ; (2) > <i>Bandei</i> > <i>Bande</i> > <i>Bandi</i> .
tem. -u dat.	- <i>u</i>	<i>BANDV</i> (m), p			Deduz-se a existência de uma declinação de tema em - <i>u</i> - em lusitano a partir da forma dativa <i>BANDV</i> , originada pela presunção de que faria o - <i>i/-e</i> do dat. sing. * <i>Bandui/e-ei</i> parte da desinência e não do tema (* <i>Bandu-i/eei</i> >* <i>Bandu-ēi</i>), tendo o vocáb. sido tratado como um tema em - <i>u</i> - e assim construída a forma dat. contracta <i>BANDV</i> (cf., numa perspectiva similar, Pedrero 1999, 540).

Quadro 2: Vocábulos e casos em inscrições latinas ou mistas (AC= Avelas, Chaves; AF=Aveiro/Feira; B=Braga; BP=Bemposta, Penamacor; C=Covilhã; CB=Castelo Branco; Co=Coria; FF=Furtado, Fornos de Algodres; G=Guiães, Vila Real; IN=Idanha-a-Nova; M=Meda; Md=Medelim, Idanha-a-Nova; Mi=Minhotães, Barcelos; MP= Meimoa, Penamacor; O=Ourense; p=*passim* (vários casos, dispersos); Q=Queiriz, Fornos de Algodres; SA=Santo Amaro, Ourense; SL=Sober/Lugo; V=Viseu; XL=Xinzo de Limia, Ourense).